

Mikaele e a força da mulher que tem orgulho de si mesma



Mikaele Felipe, de 25 anos. Moradora de Carnaúbas, em Barreira - CE e beneficiária do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC)

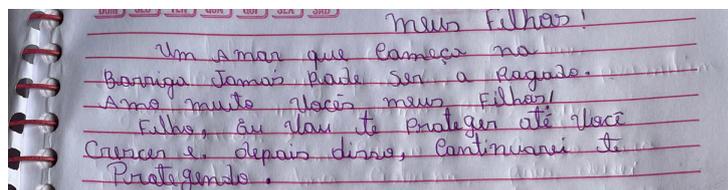
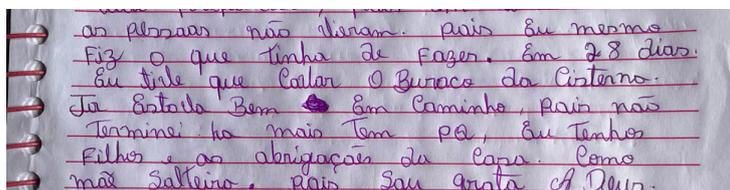
Durante 28 dias, a Mikaele Felipe escavou, praticamente sozinha, o círculo de 8 metros de diâmetro e 2 metros de profundidade necessário para a cisterna de primeira água de casa. Na época, os serventes da comunidade de Carnaúbas, em Barreira, onde vive, estavam ocupados fazendo o mesmo trabalho para outros moradores. Na falta de quem lhe ajudasse, ela mesma pegava uma chibanca, todas as noites, e investia contra a terra batida.

Gastava ali pouco mais de uma hora, depois dos afazeres domésticos e do cuidado com os filhos. Questionada se não pensou em desistir, ela afirma: “posso desistir não. Foi uma coisa que eu ia precisar. Posso desistir de uma coisa assim tão fácil não”.

Aos 25 anos, a agricultora e dona de casa coleciona motivos para se orgulhar de si mesma. Antes da empenha da cisterna, já havia sido bem sucedida como servente na construção da própria casa, onde reside atualmente com Laura, de um ano, e Reginaldo, de seis. Até o fogão a lenha da cozinha foi elaborado pelas mãos de Mikaele.

“Separei do meu esposo por nove meses. Aí vim pra cá. Construí o primeiro vão. Daí, sem luz, sem nada mesmo, pulei pra dentro, eu e meu filho. Porque, justamente eu não tinha condições de pagar uma pessoa pra fazer massa. Tinha o pedreiro e a servente era eu”, conta.

Os feitos vão sendo registrados nos diários. No fim do dia, após colocar os filhos para dormir, a jovem costuma deitar no chão da sala e anotar os pensamentos, sentimentos e graças alcançadas nos dias. Fala principalmente dos filhos, que considera serem as maiores bênçãos da vida dela.



Trechos dos diários de Mikaele.

Nem essa escrita veio para Mikaele sem esforços. Casada desde muito jovem, ela precisou parar de estudar cedo para cuidar do marido que sofria de problemas cardíacos. Só voltou à escola já com o primeiro bebê no colo. E foi amamentando entre uma aula e outra que conseguiu concluir o ensino médio.

Reginaldo cresceu e foi diagnosticado com transtorno do espectro autista (TEA). Isso não assustou a jovem mãe. Pelo contrário, fez o amor incondicional dela crescer ainda mais. A saudade que sente é do falecido pai dos meninos. Não precisava dele para nada, garante. Mas gostava da relação de carinho no casamento.

O marido de Mikaele faleceu há dois anos, por problemas cardíacos. Não chegou a conhecer a filha mais nova, Laura. Segundo a viúva, um dos sonhos dele era ser pai de uma menina.

Outra falta que ela sente é de poder compartilhar mais das próprias experiências com outras mulheres. Reunir-se com outras mães atípicas ou, quem sabe, pessoas que também gostem de escrever diários e sintam essa necessidade de falar mais sobre a vida.

“A gente nesse mundo não vê mais mulheres reunidas para conversar, tirar seu tempo pra contar um pouco de sua história alguma coisa do tipo”, explica. E, quem sabe, dessa forma, ela também encontre mais pessoas orgulhosas dos próprios esforços e de quem são.

“A gente tem medo, né? De ser a gente. É. Não, eu não tenho medo de quem eu sou, está entendendo? Mas assim, eu gosto de ser quem eu sou, porque eu sou uma mulher dedicada. Entendeu? Eu trabalho, conquisto, o que eu tenho hoje é simples, mas é meu. Foi construído com amor, né?”, diz Mikaele.



A dona de casa escavou sozinha o buraco da cisterna e registrou o feito no diário.